

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Márcia Dias**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**

**São Paulo/SP**

**2019**

## **Ficha de cadastro**

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Etec Professor Camargo Aranha, na Moóca/SP

Levantamento de dados preliminares a entrevista: A professora Marcia Dias, é atualmente a diretora da Etec Professor Camargo Aranha, mas já atuou na coordenação pedagógica e direção de outras escolas técnicas da instituição, e, também, participou no início do projeto de “Historiografias da Escolas Técnicas Mais Antigas do Estado de São Paulo”, quando atuava na Getúlio Vargas, em 1997. Como diretora apoia a criação do Centro de Memória da unidade escolar, e por isso o interesse em entrevistá-la, além da sua atuação junto com a professora Júlia Falivene Alves, na Escola Estadual MMDC e na ETESP.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia M de Carvalho

Local da entrevista: Rua Marçal, 25 – Moóca, na sala da direção da escola técnica.

Data da entrevista: 5 de junho de 2019

Técnico de gravação: -

Duração: 63 minutos e 01 segundo

Número de vídeos: três

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 21

### **Sinopse da entrevista**

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Essa entrevista foi realizada em 5 de junho de 2019, durante a primeira visita da entrevistadora e coordenadora do projeto de Memórias e História da Educação Profissional, à curadora professora Sibebe Foltran no centro de memória da unidade escolar.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: 18 a 20 de julho de 2021

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

### **Vídeo 1 (2 minutos e 59 segundos)**

**MLMC (Maria Lucia Mendes de Carvalho):** Boa tarde, Diretora Márcia Dias. Eu Maria Lucia Mendes de Carvalho, coordenadora do projeto de Memórias e História da Educação Profissional no Centro Paula Souza, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para o nosso grupo. Hoje que é dia 5 de junho de 2019, aqui na sala da direção na Etec Professor Camargo Aranha. Professora, eu gostaria que você contasse sobre a sua história de vida para deixar esse registro para a história da educação profissional e tecnológica, contando desde a sua formação, onde você estudou, e qual foi a sua trajetória profissional e social.

**MD (Márcia Dias):** Bom, eu fiz inicialmente Magistério, terminei em 84. Nessa época, eu já estava iniciando o trabalho, lecionando aqui, em algumas escolas do estado da Secretaria de Educação. Eu comecei aqui na Escola Estadual Oswaldo Cruz, e aí vim para o Armando Araújo perto da Moóca.

**MLMC:** Isso foi em que ano?

**MD:** 1985.

**MD:** Naquele momento, eu fiz especialização para o ensino, para Educação Infantil. Eu tive para pré-escola, e já peguei terceiros e quartos anos direto.

**MLMC:** Qual era a sua formação nesse período?

**MD:** Eu estava fazendo Geografia na PUC/SP, e só fui fazer licenciatura depois que conclui, como graduada em Geografia.

**MD:** Mas também foi na Escola Armando Araújo que eu conheci muitos amigos da Paula Souza. Nessa época, eu tive contato com a professora Márcia Loduca, que já era professora de Geografia no Armando, e ela me convida para ir substituir uma professora, que tinha se afastado por licença médica, e aí eu começo também a trabalhar com Geografia, isso era no MMDC

**MLMC:** Isso foi em que ano, que você começou a trabalhar no MMDC?

**MD:** 1986.

**MD:** Em 90 eu fiz o concurso para ser Técnica Censitária, dentro do Ministério do Planejamento, e eu ia fazer (toca o telefone), um momento.

**Vídeo 2** (52 minutos e 32 segundos)

**MD:** Em 1989, eu prestei um concurso para o Ministério do Planejamento, porque ia ter o Censo em 90, e eu ia trabalhar na organização junto ao IBGE, aqui dessa região, onde eu morava.

**MD:** E eu até comecei trabalhando, fazendo planejamento, só que eu ia teria que escolher entre o Magistério e o IBGE. Coincidiu, ainda num primeiro momento, eu consegui levar os dois. Só que, no final de 90 para 91, eu recebo o convite da Márcia Loduca, para ir para a ETESP, a substituindo nas aulas de Geografia. Fiz o concurso e aí eu deixei o IBGE, e continuei no MMDC e no Centro Paula Souza. Largo também a Armando Araújo, porque aí já fica incompatível essa questão. E eu começo minhas atividades como docente no Centro Paula Souza

**MLMC:** Determinado ou Indeterminado?

**MD:** Determinado. A professora Márcia Loduca tinha assumido a Coordenação Pedagógica, e vou para substituí-la, tão logo no início, final de fevereiro para março, eu estou em sala de aula na Paula Souza.

**MD:** Bom. Nessa época, a professora Julia Falivene também vai comigo para lá. Ela com as aulas de História.

**MD:** E foi assim, diferente, e a gente tinha um envolvimento, as aulas eram em período integral, a gente dava aulas manhã e tarde. Nós conseguimos desenvolver vários projetos juntas. Muitas viagens com alunos, excursões, e trabalho de campo, tudo. E aí surgiu a possibilidade de eu indeterminar o contrato, quando acaba a intercomplementaridade na Getúlio Vargas.

**MD:** Então a Getúlio Vargas, em 91, faz um grande concurso sobre a Base Nacional Comum Curricular, e eu vou prestar esse concurso, e vou passar.

**MD:** Em 1992, eu já estou com contrato indeterminado na Getúlio Vargas. Então eu tinha aulas na Getúlio Vargas, na ETESP, e a noite eu vinha para o MMDC para as minhas 25 aulas, com o noturno.

**MLMC:** Aquele projeto que você desenvolveu junto com a Julia, Geografia e História, foi em que período?

**MD:** Foi um pouco antes. Eu entrei em 86 no MMDC, e então nós trabalhamos diretamente juntas, em projetos interdisciplinares, era 89 e 90 e em 91 a gente vai desenvolver esses projetos lá na ETESP. Em 1998, ela na História e eu na Geografia.

**MD:** Bom, em 93, eu sou eleita Coordenadora na Getúlio Vargas, então eu me afasto das aulas da ETESP, ficando só na Getúlio Vargas. Vou ficar com aulas entre 93 a 98.

**MD:** Em 1998, eu vou para um projeto especial de implantação de coordenação pedagógica e educacional na Etec Professor Basílides de Godoy, junto com a professora Sonia Vieira, que era diretora, e fico lá até 2000, um ano e meio, mais ou menos, na Coordenação Pedagógica.

**MLMC:** Mas tem um período que você trabalhou no projeto de Historiografia, você poderia contar um pouco para nós como é que foi?

**MD:** Em 1996, a professora Carmen já frequentava muito o antigo .... (buscando lembrar)

**MLMC:** A Getúlio Vargas mesmo, ela fez doutorado lá?

**MD:** A Coordenadoria, junto com a professora Júlia. Na verdade, quando ela procurou, o professor Almério indicou a Júlia, até por ser professora da área de História, para trabalhar com História da Educação, despertou um interesse grande. Como nós naquela época, nós estávamos elaborando o currículo de Geografia e de História, com a professora Sonia Morandi e Isabel Castanho, aquele grupo maior. A professora Júlia já falou: escuta, se a gente fizer o projeto, você não quer entrar na Historiografia? Para ver como é que está a Camargo Aranha. Porque na verdade, a Camargo Aranha e a Carlos de Campos foram as duas primeiras escolas.

**MLMC:** Getúlio Vargas.

**MD:** Desculpe, a Getúlio Vargas, a gente vai mudando de escola, mas a Getúlio Vargas e a Carlos de Campos, eram as primeiras escolas do estado profissionalizantes. Em 1909, nós já tínhamos tido as escolas pela federação, mas em 1911 começa pelo estado de São Paulo. No caso, a Escola Profissional Masculina, e a Escola Profissional Feminina, e então eu entro com

a Getúlio Vargas, em 1997, no projeto. Naquele primeiro momento, muito mais sondagem, orientações e informações. Não tínhamos ainda, sabe, o que vai acontecer. Ainda não se tinha muito claro, porque eu acho que o próprio projeto de Memórias foi sendo criado a partir da Historiografia.

**MLMC:** E aquela prática que vocês fizeram no curso de Arquivologia?

**MD:** Então, nesse ano, existiam várias atividades pela Cetec, e junto com o pessoal de Artes, nós tivemos uma capacitação na USP, na Faculdade de Arqueologia, de arquivos, como fazer arquivos e ficha técnica, uma orientação muito simples. Porque não se falava ainda sobre isso, e era uma coisa longe da realidade das escolas. De uma forma muito simples, como é que poderíamos estar guardando os materiais, fotos. Conhecemos um pouquinho de higienização, mesmo sem a gente ter condições de fazer. Mas nós ficamos acompanhando o que eles faziam lá, ficamos um longo período, e o pessoal de Artes foi envolvido também. Fizemos nesse mesmo ano, nós estivemos encontro na Pinacoteca, para fazer restauro de figuras e de quadros. E nós tivemos uma capacitação lá, várias coisas foram acontecendo para tecer o projeto em si. Foi isso.

**MLMC:** E daí você ficou no projeto até julho de 1998, e depois, qual foi a sua trajetória?

**MD:** E aí eu fui para a Etec Professor Basíledes de Godoy com esse projeto novo. Porque nas escolas que iriam vir em 94, não existiam os cargos de coordenação pedagógica, só as antigas escolas é que tinham, e então eles iriam testar se funcionaria ou não, com 40 horas, para desenvolver o projeto de coordenação pedagógica. O Basíledes, naquela época, fazia parte do Pronatec, ia receber um dinheiro federal para atualização de laboratórios e reformas, então se beneficiou algumas escolas com esse perfil que estava surgindo. Mas foi um momento muito difícil, na questão de verbas dentro da instituição. Por que com a vinda das escolas, não houve uma passagem de verbas, acima do que se tinha na Paula Souza, então nós saímos de 14 para mais de 90, e para manter salários, e pagar água, luz e telefone. Isso não foi problema enquanto estava com os Colégios que pertenciam ao estado. Mas no Basíledes em 99, começou a reforma do Pronatec, e na reforma nós tivemos que ocupar uma escola que era particular, então nós locamos um terreno particular, e o Centro não estava pagando a luz, e não é que um dia eu tive que parar todo mundo, porque iam cortar a luz, e eu tive que ligar rapidinho, pedindo para fazerem o pagamento o mais rápido possível, porque ia ficar sem luz. Na época, já era o Armando, na área do professor Kakuite, e o Armando trabalhava com ele, e eles pagaram o que precisava de luz daquela escola, que a gente estava utilizando. Foi um período bem difícil. Então o atraso de luz, água e telefone, e mesmo de recolhimento de INSS e Fundo de Garantia...

**MLMC:** Quando as escolas vieram elas estavam com problemas de deterioração dos edifícios.

**MD:** Exatamente.

**MLMC:** E até o Escritório Piloto da Paula Souza, ele foi criado com professores da área de Edificações. É muito interessante essa história.

**MD:** Isso, isso. É lógico que você não tem uma verba para esse novo direcionamento que foi dado a educação profissional no estado de São Paulo. Só depois, que argumentando, que sem um programa de planejamento de verbas, não poderia se dar continuidade.

**MLMC:** Mas essa sua colocação justifica a importância do coordenador, neste momento na escola, principalmente, com as 40 horas.

**MD:** Porque é assim, chegaram, é comum em qualquer local, deixou de pagar a luz, você vai ter o corte, e naquele momento eu disse que: - vocês não vão cortar enquanto eu não tiver resposta. E daí você tem os contatos.

**MLMC:** É bom ficar saber disso (risos).

**MD:** Depois a gente ficou sabendo que tinha telefone, também. Como uma escola particular não paga? Mas o prédio é particular, o terreno era particular. O prédio era particular, mas servia a uma escola pública.

**MLMC:** Você ficou na Basilides de Godoy até que período?

**MD:** Até 2000. Na verdade, no final de 99, eu vou receber um convite da professora Laura Mazzei, que estava na Supervisão do Centro Paula Souza, se eu queria ir para um novo projeto, ia ser um teste para começar a preparar professores da instituição. Porque até então os supervisores eram supervisores aposentados da Secretaria da Educação, então tinha que preparar professores para que num período de curto prazo, realmente ocupassem a Supervisão da instituição. Em janeiro de 2000, eu estou lá trabalhando com o pessoal do grupo da Supervisão, com a professora Sueli, com o professor Calil, com a professora Laura, com a professor Toshi, com o professor José Vitório, com o professor Sebastião, com a professora que trabalhou muito tempo com o Covelo, eu vou esquecer. Então o grupo era aquele ali toda quarta-feira, quem era do interior vinha.

**MLMC:** A Isabel.

**MD:** A Isabel, a Ritinha, lembra da Ritinha? A que trabalhou com o Covelo, que trabalhou com os convênios de parcerias e dos cursos extracurriculares.

**MLMC:** E daí você ficou até quando na Supervisão?

**MD:** Até 2001. A professora Fúlvia tinha que ir para a direção do Mather Luther King, ela era até então diretora da Aprígio Gonzaga, e como ela tinha que ir para o Luther King, e aí eu fui indicada pró-tempore para ficar e assumi a direção lá no Aprígio (Etec Aprígio Gonzaga). Eu fiquei de 2001 a 2008.

**MLMC:** E depois em 2008?

**MD:** Em 2008, começa uma nova etapa, de novo. Porque o Centro estava indo para a Educação à Distância. Eu peço ao professor Almério se eu poderia ser capacitada com aquela metodologia. Eu sempre gostei de coisas novas. Foi um curso intensivo de mais de um mês, todos os dias, ganhando esse conhecimento de como trabalhar com educação a distância. Era o início do projeto.

**MLMC:** Paralelamente, você continuou como professora?

**MD:** Então, quando chega agosto, cessa o meu contrato de diretora, eu estava afastada como diretora, e eu já recebo o contrato como professora responsável pela coordenação da implantação do Teletec. A partir daí, a professora Márcia Loduca está assumindo a Etec Parque da Juventude. E quando ela assume, ela precisava largar as aulas, pois ela tinha voltado para a sala de aula, e ela me pede colaboração, por que não tinha professor de Geografia, se eu podia substituir duas turmas dela na Camargo Aranha, substituindo duas turmas de Geografia. Ela assume a coordenação e depois a direção da Etec Parque da Juventude.

**MLMC:** E como foi voltar a trabalhar com a professora Julia Falivene? Vocês fizeram dupla no começo?

**MD:** A Júlia, já em 86, quando eu vou para o MMDC, ela já faz parte do meu grupo de colegas. Depois de tanto tempo, trinta anos se passaram, e a gente se tornou amigas, de frequentar a casa uma da outra. Tivemos um roubo juntas, as três: eu, a Márcia e a Júlia, estávamos no carro, temos muita história para contar, a gente estava trabalhando, voltando da Etesp, voltamos juntas, e na hora que vai parar para a Julia que ia descer do carro, nós fomos abordadas, perto do apartamento dela.

**MLMC:** Na Moóca?

**MD:** Na Paes de Barros. Nós fomos abordadas, aqui na Moóca. A Júlia morava aqui na Moóca. Pasmem, por dois meninos, dois alunos da Getúlio Vargas, do curso Técnico em Edificações, porque eles foram presos. Naquela época, eles haviam puxado alguns carros naquela região, e moravam no Ipiranga, e puxavam os carros naquela região. Eles eram ainda jovencinhos, um era menor e outro maior, e foram pegos, lógico. Na verdade, a gente tem uma família muito grande. Aí eu vou trabalhar com a Júlia, de novo, no Teletec. Ela já está trabalhando a questão das provas do Teletec. A base do material, a parte pedagógica era toda da Júlia. Aula a aula, ela que foi fazendo.

**MLMC:** Mas antes disso, vocês se encontraram, na época da reelaboração do Regimento das Escolas, quando você era diretora.

**MD:** Como diretora eu fui convidada a participar das oficinas, antes, e então nós tivemos vários encontros. O professor José Vítório, também era



responsável, e ali se começou a se discutir a responsabilidade de guarda sobre a questão documental das escolas. Na verdade, nem nas universidades, que estavam começando a discutir a pauta da história da educação, e dentro da educação profissional não foi diferente. Devido a Historiografia, começou-se a trazer: - nós precisamos nos preocupar e discutir o que guardar e o que não guardar. E isso vai dar origem a uma outra capacitação que a Júlia fez com as Secretarias Acadêmicas sobre vários documentos.

**MLMC:** E que foi próximo desse período. Acho que foi 2006 para 2007, que ela montou junto com a Secretaria Acadêmica?

**MD:** Por mais que a gente fale que a responsabilidade é do diretor, só que quem mexe com os documentos direto é a Secretaria Acadêmica. Mas capacitar todos os diretores seria muito difícil nessa época.

**MLMC:** Tem períodos de gestão e na Secretária Acadêmica é um funcionário público. Foi nesse período,

**MD:** A Sandra da ETESP, que a gente conviveu desde o início, lá em 91, quando nós fomos.

**MLMC:** Eu me lembro que as duas deram muitas contribuições.

**MD:** Elas faziam parte do grupo.

**MLMC:** Então foi nesse período, que foi incluso um artigo para as escolas sobre a memória, então?

**MD:** E para o diretor a salvaguarda dos documentos.

**MLMC:** Não tão recentemente, mas tem um documento da Supervisão para incluir a origem das escolas.

**MD:** Em 97, era aquele grupo da Secretaria, que estava discutindo a documentação, eles falavam da importância sobre estudos da legislação e dos documentos. Na prática, o estudo disso só foi acontecer em 97 e 98.

**MD:** Em 99, que as escolas sentiram a mudança, porque entrou realmente a grade nova, e até então era uma questão de estudo, e esse pessoal falava da importância de se levantar a questão documental, porque ia se perder documentos. Era um momento de mudança, e então, coincidiu com o envolvimento da professora Julia com a proposta de pesquisa feita pela professora Carmen, e ela que foi trabalhar junto. Diretamente, o grupo de Supervisão era consultado para dirimir algumas dúvidas.

**MLMC:** Por que, em 97, é a política pública, que nós temos sobre os arquivos. É de 97, e que precisaria ser atualizada.

**MD:** Exatamente, o Franco Montoro no primeiro governo é quem fala da importância dos documentos para o estado. Muita coisa sumiu no período, a gente tem conhecimento. Era muito interessante na Associação a discussão da questão da Ditadura Militar. E quando vem a democratização, a importância de tudo isso, a organização de tudo isso. Então nós estamos vivenciando as mudanças. É a fome com a vontade de comer.

**MLMC:** É uma coisa que eu acho importante, já que estamos falando de arquivo, para ficar registrado nesta entrevista, porque eu como você, participamos desse projeto. Porque esse trabalho que começou com o Franco Montoro, falta de recursos e até de formação de pessoas para isso, ela é longa. Porque a leda, que hoje é diretora do Arquivo do Estado, ela era Coordenadora de Projetos, e ela é uma das que fomentou e trabalhou muito, e junto com a professora Ana Maria Camargo, que estava na primeira reunião do Conselho com o Franco Montoro.

**MLMC:** Pelo menos a Paula Souza está dentro do SPdoc.

**MD:** Quanto ao SPdoc e eu vou te falar, isso não é só de instituição, no Brasil já é difícil, e a gente tem que falar da questão do e-social, que todas as informações estejam em conjunto, conjugadas, independentes.

**MLMC:** Você ter arquivos organizados, facilita para a justiça social, facilita para a administração, e para otimizar os recursos. Acho que é um caminho.

**MD:** E daí quando a gente está na área de gestão, a gente observa que a prática de projetos, ou práticas de gestão disso, e historicamente a gente precisou e não tivemos da administração propriamente dita. Nós vamos estar importando de outros países.

**MLMC:** Nos começamos importando professores, na década de 10 e 20, importavam professores.

**MD:** A própria USP.

**MLMC:** Os nossos professores de Desenho eram suecos. Porque nós só tínhamos os normalistas. As faculdades da década de 30, a universidade, era um país novo praticamente.

**MD:** E na verdade para a elite que iria governar o país. No magistério eram as mocinhas casadouras que poderiam trabalhar.

**MLMC:** Você passou por esse período, que as escolas foram incorporadas, as 94 escolas, e foi um período de conflito? Que se percebe tanto das 14 escolas, que já faziam parte, que tinham um salário diferenciado, em relação as que estavam chegando, como foi esse processo de transferência das nossas escolas?

**MD:** Nessa época, quem estava na Coordenação do Ensino Técnico e Médio era a professora Marisa Fumanti, ela havia participado da fundação da ETESP, e era da Associação dos Docentes do Centro Paula Souza. Sai o professor Almério da coordenação, em 91, e entra a professora Marisa.

**MLMC:** Ele sai junto com a mudança de Superintendência.

**MD:** Ele sai com o professor Oduvaldo, termina o mandato, e sobe o professor Elias como superintendente, e ele leva a equipe da ETESP e da Associação para a Coordenadoria. Nessa época, a gente tem que lembrar, que a gente estava, um pouco antes da reforma profissional de 96. Desde a Constituinte, em 88, já se indicava a necessidade da reforma da educação e os grupos já discutiam isso. O que vai acontecer com a Paula Souza, as poucas escolas que ele tem? Vai para a Secretaria da Educação ou vai ser o contrário? Uma reforma que já está sendo discutida. Naquele momento, a possibilidade era: - nós íamos para a Secretária da Educação, o que seria lamentável. Porque a lei 5692/61 acabou com a educação profissional, já que toda a educação de segundo grau estava voltada a educação para o trabalho, sem condições para isso, pois as poucas escolas técnicas estavam em estado sofrível dentro da Secretaria, na Mecânica, na Edificações, nas mais tradicionais, e as outras tiveram que ir para outras vertentes e colocaram no currículo - educação para o trabalho, aí tinha aquela disciplina que era o perfil, sem efetivamente dar a formação.

**MD:** Quando chega 93, isso está muito quente nas escolas. Ou nós vamos para a Secretaria da Educação ou eles vão vir. Nós não queríamos nem uma coisa e nem outra. E, também, não queríamos recebê-los. Também não queríamos receber, pois o Centro Paula Souza não tinha orçamento próprio. Nós éramos, e fazíamos parte do CONESP, e toda vez que tinha gatilho nas universidades, nós também tínhamos, numa época de inflação altíssima. Eu trabalhava em uma escola da Secretaria da Educação que era referência, e nós tínhamos encontros, nós ganhávamos a mais.

**MLMC:** Qual era o nome da escola?

**MD:** Escola Estadual MMDC, aqui na Moóca. Quando eu entrei no Paula Souza, eu tinha adicional noturno, era escola padrão, e o que eu recebia era metade, do que eu recebia no Paula Souza, com 16 aulas, e a própria estrutura que se tinha nas escolas. O fato de nós sermos referência em educação, com as escolas que tinham. A própria instituição que tinha as Fatecs, na época 5, e as outras poucas etecs e nós tínhamos uma situação muito boa de recursos, tanto de salários, quanto de recursos físicos e materiais. Então isso dava medo, porque olha que aconteceu com as escolas. Aí quando se definiu não, o Centro Paula Souza é que vai receber as escolas, que juntas, vão chegar as 99.

**MD:** Ok. E salários? Durante muito tempo, o discurso. Na verdade, nós nunca nos desvinculamos da UNESP, nem hoje somos desvinculados. O salário não dava para aumentar, porque o que nós tínhamos de orçamento era o mesmo.

Então se cortou qualquer pagamento, que não fosse salário, não tinha material. Então as escolas que estavam chegando, estavam em pior situação do que as 14 que já estavam no Centro, então tudo isso foi considerado. Então foi um momento muito complicado. Eu acho que passamos de cinco ou seis anos patinando.

**MLMC:** E como foi o processo, pois nós somos CLT e eles não eram CLT?

**MD:** Todos os professores da Secretaria da Educação, quando ficaram sabendo que eles que viriam, é lógico que eles também foram resistentes. Por que o Centro Paula Souza celetistas. No caso, da Secretaria da Educação estatutários, e que eles aposentados, receberiam o mesmo que na ativa. Eles não queriam perder os cargos de estatutários. Hoje, sabemos que não é bem assim. Nos anos 90, realmente eles continuaram recebendo, ao longo de tantas greves foram se perdendo. Nós começamos a fazer uma série de movimentos junto a associação, de reuniões contrários a vinda, e eles também questionavam de ir para o Centro Paula Souza e perder a chance de ser estatutários.

**MLMC:** E daí, eles entraram como indeterminados?

**MD:** Ainda em 94, continuaram as 14. O início foi em 95. Ainda em 94, continuou da forma que era feito com as 14 e ainda teve a Etec Taquaritinga, alunos que já continuaram, e só abril do outro ano, é que eles entraram com as regras do vestibulinho. Porque foi no finalzinho de 94 que foi feito a caneta com a vinda das escolas.

**MLMC:** Como era o vestibulinho para as 14, e como ficou, com a vinda das escolas? Que modificação aconteceu?

**MD:** O vestibulinho das antigas escolas era dissertativo, todas as questões dissertativas, e nós elaborávamos uma média de cinco a seis para cada prova, e quando as escolas vieram, seria impossível um concurso nos moldes que o Centro fazia, que era aula teste. Prova escrita para o professor, análise de currículos, e depois, aula teste. Nós tínhamos 84 escolas sendo incorporadas, como é que coloca os professores na guilhotina, muitos tinham trinta anos na mesma escola. Muitos tinham a formação profissional. Então a discussão foi: - contratamos todos nos moldes determinados, como todo mundo entrava, a partir de 95, determinado, e nós vamos preparar para 96 o concurso, porque a gente indetermina e quando iniciar 97, está todo mundo assentado. Em 94, se manteve o vestibulinho.

**MD:** Em 95, a grande discussão: - como eu faço o vestibulinho com questões dissertativas para esse número de escolas? Quem vai corrigir isso? E há tempo para isso? Aí a Coordenadoria chamou a professora Maria Helena, que já foi diretora da Camargo Aranha.

**MLMC:** Maria Helena?

**MD:** Maria Helena, mulher do Jitsunori, que estava na Cetec, que foi diretora da Camargo Aranha, ela que cuidava da parte pedagógica do vestibulinho. Então eles contratam a Fundação Getúlio Vargas para vir explicar o que era uma prova de concurso desse tipo. O discurso era: - é mais democrático ou menos democrático. Questão dissertativa quando é seu aluno, é mais fácil de cobrar. Num concurso, com uma quantidade de cem escolas, como é que eu cobro com alunos de diferentes lugares do estado e diferentes escolas, secretária da educação e particular. Como é que eu cobro conteúdo? Como vou corrigir essas provas e com que visão? Mesmo com as poucas escolas, as provas do vestibulinho eram de sábado à tarde. No domingo de manhã reunia as diversas áreas para saber como tinham sido as respostas para a gente abrir o leque, do que seria aceito. Quando se trata de cem escolas você não pode, você perde noção daquilo, deve ser como corrigir a redação hoje no ENEM, o que está dentro e o que não está, por que você tem que trabalhar com um leque de possibilidades, e aí você vai entrar na questão ética. Então trabalha com questões subjetivas para argumentar determinadas coisas. Então veio um pessoal explicar, que fazem a maioria dos concursos, tanto na Secretaria da Educação, como do Estado como um todo, e eles veem para nos capacitar.

**MLMC:** Eles são dá onde?

**MD:** São da Fundação Getúlio Vargas, desculpa, da Fundação Carlos Chagas, orientando, como é que vocês vão fazer. Não saiu da instituição a elaboração do vestibulinho e nem mesmo a prova do vestibulinho, mesmo a prova para os docentes, mas tem que ser algo mais democrático. A múltipla escolha trabalha com o conhecimento, e a gente questionava: - mas qualquer um pode chutar o que quiser. Sim, mas o percentual é muito pequeno. Daí você vai entendendo que uma coisa é você cobrar do seu aluno e outra de um grupo muito grande, e foi muito legal, porque a gente vai aprendendo com esse crescimento da instituição. Porque a gente passou até por esse tipo de discussão e aí sim do vestibulinho passou por um todo.

**MLMC:** Para mim é bom conhecer sobre esse início, porque eu participei substituindo a professora Doroti, por um ano, porque os filhos dela iam prestar para a escola técnica, e eu participei pegando esse processo criativo, e agora ouvindo você falar dá para entender a complexidade desse processo para elaborar com aquele grupo, e eu aprendi muito também.

**MD:** Junto com a Maria Helena, tinha um pessoal muito bom, a Júlia fazia parte com o José Vitorio. Essa parte pedagógica eles sempre estiverem envolvidos e a própria formação da Júlia e a forma de pensar da Júlia, fez com que ela abraçasse a causa.

**MLMC:** O que era muito rico nesse grupo é que todos nós formulávamos questões, mas todos nós corrigíamos um do outro, e então o conhecimento técnico e de comunicação entre nós, de diferentes áreas, além de nos aproximarmos, tornava esse conjunto único, e que é a proposta do vestibulinho para ser amplo.

**MD:** Quer mostrar que um tema pode ser comum para qualquer área.

**MLMC:** Porque no fundo o conhecimento, a escola é um quebra cabeça, e o aluno à medida que ele vai passando pelas disciplinas, ele vai construindo a peça dele.

**MD:** Então eu falo que eu aprendi muito com todos os meus amigos, por todas as escolas por onde eu passei, eu sempre fui adotada pelas minhas colegas mais experientes, e eu aprendi muito com elas. Eu falo que a formação que nós temos em uma faculdade está longe daquela formação que a gente precisa na sala de aula, a gente precisa da troca, a gente precisa do conhecimento do outro e da experiência.

**MLMC:** Ainda mais hoje, com a evolução do conhecimento tão rápida e da tecnologia, é formação contínua mesmo. E daí você ficou no Teletec até que período, trabalhando junto com a Júlia?

**MD:** Até 2011, eu fiquei. Foi muito dez.

**MLMC:** E depois de 2011?

**MD:** Então começou de novo a formação de professores, o curso de Esquema tinha mudado, nova mudança veio, e que estava sendo preparado e que se tornou docente e tutor daquele grupo de professores. O Centro tinha um número imenso de professores da área técnica que não tinha formação pedagógica.

**MLMC:** Era o Heméritas que começou organizando o primeiro?

**MD:** O Esquema sim. Na verdade, saia do grupo de Supervisão, junto com o Heméritas e a professora Helena Peterossi, o Esquema saiu dali. O professor Heméritas, ele veio muito mais para trabalhar com o grupo de escolas, ele era da DISAETE, ele já tinha se aposentado do Centro, e ele tinha ficado só na Secretaria da Educação. E ele veio quando as escolas foram incorporadas, e como ele tinha esse conhecimento, e então ele voltou para o Centro Paula Souza, ele tinha se aposentado também da Secretaria da Educação, e ele foi convidado junto com o professor Casimiro, e eu estou esquecendo os nomes de alguns, que eram dessa época, e ele veio para chegada das escolas junto da DISAETE.

**MLMC:** E você ficou como tutora até quando?

**MD:** Eu fiquei como tutora até 2016.

**MLMC:** Daí já era Brasil Profissionalizado com a Silvana Brenha?

**MD:** Isso, na verdade desde o início, mas acho que antes, do Pronatec. A verba para formação docente vinha do federal para a educação profissional. Mas

com a chegada do presidente Luís Inácio, ele vai dar uma ênfase para a educação profissional das federais, mas as federais em si não tinham capacidade para levar todas as reformas e o Paula Souza sai correndo a frente.

**MLMC:** Nós tivemos uma expansão muito grande nesse período.

**MD:** Uma parte da verba institucional veio daí, que era o final do governo do Fernando Henrique e depois com o Lula.

**MLMC:** E daí, depois de 2016?

**MD:** Eu estava na Camargo Aranha. Na verdade, eu fiz muitas provas de qualificação para diretora, e me candidatei aqui na Camargo, e os professores.

**MLMC:** Que você já era professora?

**MD:** E eu já era professora aqui da casa e daí eu fui eleita, isso foi muito legal.

**MLMC:** Márcia, eu agradeço muito você nos ter dado essa entrevista, para nós que trabalhamos com história da educação profissional, ela é fundamental, e principalmente, o fato de ter conhecido hoje, esse início desse seu trabalho junto com a professora Júlia Falivene.

**MD:** Eu cheguei em 91, mas eu cheguei num momento que a instituição estava passando por turbulência, passando por mudanças.

**MLMC:** E trabalhando de forma interdisciplinar e inovando também.

**MD:** Mas os meus colegas professores sempre me ensinaram a trabalhar desse jeito.

**MLMC:** E a sua formação de Psicologia começou quando?

**MD:** Eu estava na direção do Aprígio e eu fui fazer Pedagogia, pois as coisas estavam me levando mais para essa área pedagógica de trabalhar com aluno, de trabalhar com ensino-aprendizagem.

**MLMC:** Onde você fez Psicologia?

**MD:** Na Uninove, a quantidade universidades só hoje. Nos anos 90, eu fiz Administração e Supervisão Escolar, e na verdade meus amigos vão fazer o curso de formação na USP, na Psicologia, dentro da questão do ECA. Mas na prática, a violência contra a criança e a adolescência continuava existindo, e o trabalho infantil era algo comum. E dentro da USP nós fomos fazer o curso de violência contra a mulher, o objetivo maior era criança e adolescência. E aí eu fui para a POS com meus amigos lá do Aprígio .... (continua no vídeo 3)

**Vídeo 3** (7 minutos e 30 segundos)

**MD:** Fica igual.

**MLMC:** Olha, mais uma vez...

**MD:** Depois eu fui para o ensino a distância, e então, também eu fui fazer a Pós-Graduação em Educação à Distância, então uma coisa vai puxando para a outra.

**MLMC:** É uma formação continuada mesmo.

**MD:** Eu tive, e eu tenho que falar que eu não parei na Geografia. Apesar de eu ser apaixonada pela minha ciência.

**MLMC:** É como eu, que fui parar em Museologia e Patrimônio, sem nunca ter imaginado parar lá. É verdade.

**MD:** É muito apaixonante, muito apaixonante.

**MLMC:** Somos todos apaixonados pelo Centro Paula Souza.

**MD:** Na verdade eu tenho que agradecer a Educação. Porque eu estive muito próximo a sair da educação, quando eu fui para o Ministério do Planejamento, eu ia trabalhar na minha área, e daí nós tivemos o pacote Collor, que congelou salário e congelou o próprio Censo, que só foi sair dois anos depois, e aí eu acabei voltando para a Educação, eu que estava indo para a Secretaria da Educação.

**MLMC:** E que é uma área promissora do Geógrafo.

**MD:** E eu acabei voltando com tudo com a saída do ministério.

**MLMC:** Eu queria ser professora, mas também sou feminista, então queria ter independência econômica, fui para indústria até me aposentar. Mas também fiz Licenciatura pensando na escola, por que eu adoro também.

**MD:** Tanto que na Secretaria, quando eu fui para a coordenação da GV, eu pedi exoneração também. No final de 93, eu tinha a coordenação e as aulas, e eu tinha as 25 aulas, e tinha acabado de me casar, quer dizer eu não parava em casa. Eu disse então: eu vou me afastar da Secretaria. E daí em 98, eu entrei por concurso e voltei na MMDC. Eu fui muito bem classificada de novo, e eu podia escolher, é lógico que eu escolhi a escola onde eu sempre trabalhei. E daí eu fui chamada, trabalhei uns seis ou sete meses, e de novo, pedi exoneração, e eu fui para a direção do Aprígio.

**MLMC:** E na Paula Souza a gente tem um espaço criativo muito bom, eu acho que é isso que faz com que a gente goste tanto da instituição.



**MD:** Na Secretaria, o que vai acontecer com a educação profissional e com a Base Nacional Comum Curricular no Paula Souza? E é lógico que isso em 98, e se eu não tiver com um pé de novo na Secretária, o que vou fazer? E foi por isso que prestei, mas voltei. E pedi de novo exoneração. Então eu sempre tive idas e vindas.

**MLMC:** Mas sempre na educação.

**MD:** Sempre na educação. Graças a Deus, nunca me faltou trabalho, assim de desenvolvimento e conhecimento, Trabalho e conhecimento, aprendizagem, mais do que conhecimento, e a possibilidade de continuar aprendendo.

**MLMC:** E em diversas áreas na instituição.

**MD:** A possibilidade de continuar aprendendo. Apesar de estar tanto tempo no Magistério, eu sempre me apaixonei por tudo o que eu fiz. Entre 2004 e 2008, eu fui dar aulas para Educação Universitária na UNISANTANA, tanto para Geografia, como para a área de Educação, e na Psicologia, por que eu tinha feito a POS em Psicologia.

**MLMC:** Você ficou quanto tempo lá?

**MD:** Eu fiquei de 2005 até 2009, quando eu saí, e já estava incluída na Educação à Distância. Então eu sempre estive em atividades, eu nunca estive fora, isso é apaixonante.

**MLMC:** Eu também, trabalhar com a educação, acho fantástico. Muito obrigado.

**MD:** E a Loduca trabalhava comigo.

**MLMC:** Obrigada.

**MD:** Eu entrei primeiro, e depois eu chamei a Loduca para trabalhar também na UNISANTANA. Ela estava assumindo como coordenadora de classe descentralizada, e ia se tornar diretora, do que seria o Parque da Juventude. Então a gente sempre esteve muito junto.

**MLMC:** Isso é formar uma equipe.

**MD:** Você vai convidando com quem você trabalhou.

**MLMC:** O meu interesse de entrevistá-la, também está no rol das minhas pesquisas, nesse processo de aprendizagem.

**MD:** Também na Camargo, eu estou, porque ela pediu. Ela disse: - pega essas aulinhas de Geografia, é perto da sua casa.

**MLMC:** Você vê que sempre tem um esforço muito grande.

**MD:** Eu estou na Camargo, também por causa da Loduca.

**MLMC:** Exatamente. Isso a gente percebe com aqueles que são apaixonados por educação

**MD:** Assim como chegava para mim, eu me sentia no dever de retribuir, por que as coisas vão acontecendo o tempo todo.

**MLMC:** Obrigada Márcia. Boa noite (risos).

**MD:** Eu sou apaixonada pelo projeto, e quando eu tinha acabado de assumir a direção aqui, e eu fui para um encontro dos professores do Clube de Memórias.

**MLMC:** Inclusive, eu agradeço muito por você estar criando o Centro de Memória, aqui na Etec Professor Camargo Aranha, que este ano, vai passar de Acervo para Centro de Memória.

**MD:** Nós vamos inaugurar, esse ano, e qualquer coisa, a gente faz a aula aqui.

**MLMC:** Está certo, que bom. Obrigada.

**MD:** Até mais.

### **Descritores**

História oral de vida

Historiografia

Arquivos Escolares

Regimento das Escolas Técnicas

Administração

Cetec

Supervisão

Telecurso TEC

Geografia

PUC/SP

UNISANTANA

Magistério

Etec Professor Camargo Aranha

Etec Professor Basilides de Godoy

Etec Getúlio Vargas

Etec Aprígio Gonzaga

Etec Parque da Juventude

Etec São Paulo

Escola Estadual Oswaldo Cruz

Escola Estadual Armando Araújo

Escola Estadual MMDC

Izabel Castanho

José Vitório Sacilotto

Antonio Covelo

Márcia Loduca

Sonia Morandi

Márcia Loduca

Júlia Falivene Alves

Carmen Sylvia Vidigal de Moraes

Márcia Dias

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Pronatec

Clube de Memórias

Centro de Memória

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



**Fotografia:** Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 5/06/2019.

**Márcia Dias.** Licenciada em Geografia e Pedagogia, especialista em Pedagogia, com estudos no tema de “Violência Doméstica Contra a Criança” e em Educação à Distância, com estudos em temas referentes a inclusão de pessoas com necessidades especiais. Em 1986, ingressou como docente na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. No Centro Paula Souza, em 1991, ingressou na Etec São Paulo. Entre 1993 a 1998, atuou na Etec Getúlio Vargas, onde foi Coordenadora de Estudos Sociais, e em seguida, assumiu a Coordenação Pedagógica e Educacional na Etec Professor Basilides de Godoi, em um projeto especial. Em 2000, foi convidada a compor a equipe do Grupo de Supervisão Escolar na Coordenadoria de Ensino Técnico. De 2001 a 2008, foi diretora da Etec Aprígio Gonzaga. Em 2008, passou a ser Coordenadora do Telecurso TEC, a primeira experiência institucional com a Educação à Distância. Na educação superior, foi docente do curso de graduação de Geografia e Pedagogia na UNISANTANA e professora/tutora no curso de Formação de Professores da Educação Profissional. Desde 2016, é diretora da Etec Professor Camargo Aranha.

#### **Dados Biográficos da Entrevistadora**



**Maria Lucia Mendes de Carvalho** tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de

Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica(GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais  
Termo de Autorização para uso de Imagem